

13/4/58

RUBEM BRAGA

## ROSA, ROSAE...

**N**UNCA fui leitor do «Manchester Guardian», mas presumo que seja um órgão liberal, tanto em política como em economia — e pelo nome tem tôda a pinta de ser ardoroso partidário do livre-cambismo. De Manchester, e atendendo aos interesses da indústria inglesa, que começava a dominar os mercados do mundo, é que saiu essa doutrina econômica — ou ali, pelo menos, ela foi adotada como artigo de fé religiosa.

Um telegrama da UPI resume agora um editorial em que o velho órgão estuda os investimentos norte-americanos no Canadá e na América Latina, e o faz sem nenhuma reverência ao livre-cambismo ou à «free enterprise» que tanto encanta ainda alguns economistas indígenas. Anota o editorial que os americanos pregam os ideais da economia livre, mas se dispensam de segui-los quando, por exemplo, resolvem taxar fortemente a lã uruguaia. Os preços das matérias-primas sul-americanas não acompanham de forma alguma os preços dos artigos que temos de importar dos Estados Unidos. O trabalho do nosso homem vale cada vez menos, e a maior parte de nossa população tem um nível de vida miserável. Os ingleses são muito objetivos quando examinam certos aspectos do imperialismo — pelo menos do imperialismo norte-americano...

Só agora em nosso país começa a se formar uma consciência capaz de discernir, sem mística nacionalista mas também sem subserviência doutrinária, o que é bom e o que é mau para nossa economia. Em seu discurso na Conferência de Investimentos de Belo Horizonte o presidente Juscelino colocou com muita felicidade o problema do estatismo, mostrando que não há capital privado capaz de enfrentar os investimentos básicos, de infra-estrutura, e que as necessidades de nosso desenvolvimento nos condenam à «firme e compacta interferência estatal». Não é questão de teoria ou de doutrina, é pura necessidade. O que em países de economia já estruturada o capital privado pode realizar, aqui só o Estado tem meios de fazer.

E' pena que, se mostrando tão lúcido ao examinar certos aspectos da luta contra o subdesenvolvimento, o presidente Juscelino demonstre, na prática, indiferença ou desprezo por um dos setores mais importantes dessa luta — a educação. Para enfrentar as enormes tarefas que tem pela frente, o Brasil precisa de uma verdadeira revolução no ensino, a partir do primário, tão pouco satisfatório, e do secundário, tão ridículamente pomposo com seu inconcebível latinório, até o superior. A formação de cientistas e técnicos não é estimulada de maneira alguma, e o número, por exemplo, de físicos nucleares que mandamos estudar no estrangeiro é ridículamente pequeno. Não há investimento de capital mais compensador que o ensino e a pesquisa — e os russos sabem disso. Nós ficamos no «rosa, rosae...»